
BREGAFUNK: A COLONIZAÇÃO PRESENTE NO FAZER MIDIÁTICO EM DISSONÂNCIA COM A MANUTENÇÃO DE PRÁTICAS DE RESISTÊNCIAS POR JOVENS PERIFÉRICOS

Alice Oliveira Ferreira, Graduada em Psicologia, UFPE,
aliceoli2468@gmail.com¹

Jonhson Douglas Alves de Souza, Graduando em Psicologia, UFPE,
jonhsondouglas2@hotmail.com²

Laís Catarine U dos Santos, Graduada em Psicologia, UFPE,
lscatarine@gmail.com³

Alice Oliveira Ferreira⁴

GT 4 Carolina Maria de Jesus – Movimentos sociais, grupos, insurgências e resistência na América Latina

Palavras-chave: Bregafunk. Práticas de resistências. Movimentos sociais.

INTRODUÇÃO

A construção narrativa da nacionalidade brasileira foi pautada a partir de uma noção colonial que reflete nas relações até os dias atuais, bem como nas produções de sentido e significação dos papéis socioculturais. Dentro do processo de embranquecimento territorial, existe uma tentativa de estabelecer pressupostos teóricos e filosóficos de caráter universalizantes em relação a povos que têm o seu processo narrativo-discursivo silenciado, atendendo a um ideal de homogeneização baseado na racionalidade eurocêntrica, atuando assim nas vivências do corpo negro a partir de uma ótica branca.

A colonialidade enquanto lócus de produção e manutenção de relações de poder - determinante dos modos de fazer, saber e ser dos corpos inseridos nessa dinâmica -, pode ser compreendida como um processo que se instaura não só na materialidade por meio de subordinação cultural, mas também em um processo que atinge o campo imaginário dos sujeitos. Apesar do fim da colonização, as relações de dominação continuaram a se perpetuar no imperialismo, e posteriormente, no capitalismo, de forma a sustentar uma ordem social na qual as formas de acesso às produções de conhecimento e consumo são estabelecidas de forma parcial (QUIJANO, 1992).

Diante dessa construção narrativa, a cultura negra se insere como corpos e símbolos disruptivos que divergem à formação de uma identidade nacional pautada numa lógica hegemônica, a qual atua através de estratégias de silenciamento e invisibilização de práticas e noções constitutivas de conhecimento e saberes populares (CRUZ & MARTINS, 2017). Em meio ao processo de embranquecimento e epistemicídio da população negra no território nacional, foi-se construindo ambientes categorizados enquanto marginalidades sociais, sendo estes lugares entendidos como espaços apropriados para esses corpos não viáveis dentro de uma noção de ordenamento social e criação identitária nacional.

Falar de âmbitos marginalizados, implica em refletir a conceitos que constroem as representações acerca desses espaços, a exemplo disso, o termo periferia é trazido por Frederico (2013):

Os bairros populares, situados às margens da cidade, não eram chamados de periferia (...). O batismo ocorreu inicialmente na sociologia urbana para designar um espaço de carência, marginalidade, violência e segregação.

Dessa forma, falar em cultura periférica dizia para além de um espaço físico em relação ao urbano, mas também um distanciamento dos meios de consumo. Nesse contexto, o brega surge como uma manifestação cultural popularesca carregada das vivências periféricas - ocupadas principalmente por corpos negros marginalizados -, sendo atribuída de um olhar social estigmatizado (FONTANELLA, 2015). Posteriormente, nas tentativas de adaptar-se aos meios de consumo, o brega recifense associou-se ao funk como estratégia de sobrevivência e ascensão, demarcando também seu caráter identitário da cultura periférica pernambucana.

Atualmente é possível acompanhar uma crescente veiculação midiática do movimento bregafunk, na medida em que, como dito por Finco (2019), o mercado passa a enxergar o público negro como um novo nicho a ser explorado. Essa apropriação pela mídia se dá através da popularização e rentabilidade, trazendo à tona a lógica capitalista de restrição a forma de acesso mercadológico concedido à esses corpos, dentro de um caráter ilusório de transitoriedade e liberdade de produção, uma forma de mecanismo político de controle que promove silenciamento e impossibilitam as estratégias de subversão a estruturas de coerção.

A escolha de fazer o recorte olhando para o movimento bregafunk, se deu através do acompanhamento do fenômeno de expansão do ritmo do passinho - como é popularmente conhecido - diante do qual Albuquerque (2018) narra o surgimento a partir de uma tentativa de sobrevivência dos MC's do Recife para continuar uma produção local representativa da figura de uma população marginalizada, trazendo à tona uma desvinculação com a violência e repressão do Estado, na tentativa de expandir e direcionar olhares para o que é invisibilizado.

Dentre as construções de narrativas dos movimentos populares, se faz presente uma perspectiva anticapitalista, na qual a crítica social se dá de forma latente. Como pontuado por Frederico (2013), a expressão artística se vê “acompanhada de uma crítica à sociedade que os condenava à segregação”, sendo possível notar a aproximação do RAP e do bregafunk enquanto produções populares que buscam a ocupação de espaços anteriormente negados, atuando de forma simbólica - através da construção narrativa e crítica social - ou materializada, como percebido no bregafunk através da busca por ascensão social e ocupações de espaços, não só por quem produz, mas também para o público que consome, trazendo um caráter potencializante de identificação e pertencimento.

A proposta de trabalhar com um movimento cultural periférico - carregado de atravessamentos sociais que demarcam historicamente os corpos que constroem e participam ativamente do mesmo -, surge no intuito de compreender como essa cultura tem se expandido para além da periferia, levando em consideração essa expansão através de veiculações midiáticas. Tendo em vista que as práticas de coerção e controle se adaptam às transformações sociais por meio de novos mecanismos, atentamos para importância analisar criticamente como a ocupação de espaços físicos e virtuais têm se dado, de forma a proporcionar a identificação das possíveis limitações e potencializações relacionadas à expansão simbólica e material dessa manifestação cultural periférica.

Diante disso, o estudo tem como objetivo geral analisar a veiculação midiática do movimento cultural do bregafunk na cidade do Recife, a partir dos discursos dos sujeitos que experienciam essa manifestação cultural. Como objetivos específicos disparadores, estipulamos a identificação possível de tensionamentos sociais vivenciados na experiência do movimento, a análise de como os sujeitos percebem a veiculação do movimento do bregafunk nas mídias e de como o bregafunk potencializa a participação social dos sujeitos da pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

Partindo de uma perspectiva decolonial para construir um processo de descolonização dos saberes psicológicos e sociais, nos pautamos nas contribuições de Grada Kilomba e Martín-Baró, autores responsáveis por tecer discussões críticas acerca de como o pensamento etnocêntrico ainda domina nossas formas de conhecimento e relações. Na sua obra “Memórias

da Plantação: Episódios de racismo cotidiano”, Kilomba atenta para a importância de reconhecer que a colonialidade ainda se perpetua por meio de estratégias do distanciamento identidade e do pertencimento em relação aos grupos dominados, o que dificulta a articulação e elaboração de estratégias de subversão dos grupos atingidos. Por essa ótica, também se faz necessário rever o que pauta os nossos fazeres e saberes, a partir da compreensão dos sujeitos enquanto indissociáveis dos discursos sociais presentes no contexto sócio-histórico-cultural.

Nesse sentido, o autor Martín-Baró, em sua obra *Psicología de la Liberación* (1988) tece reflexões acerca da desconstrução do aspecto colonizador e homogeneizante que por muito tempo influenciou a Psicologia de forma a negligenciar o caráter idiossincrático do sujeito em prol dessas diretrizes que direcionam práticas e construção de saberes sociais. A partir disso, o autor propõe a construção de uma Psicologia política crítica que leve em conta as estruturas de poder social na configuração do psiquismo dos sujeitos. Ao levar em consideração os pensamentos de Kilomba e Baró, propomos uma construção reflexiva a partir do nosso lugar de atores sociais e de futuros profissionais da Psicologia, no intuito de promover novos saberes e estratégias que possam abarcar grupos e sujeitos historicamente negligenciados pelas instituições sociais e áreas de conhecimento científico.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do presente estudo a partir do recorte do movimento cultural do bregafunk em Recife, a pesquisa foi construída com jovens de 14 a 19 anos de idade, moradores do bairro do Engenho do Meio, que fazem parte dos encontros do passinho, entendendo esses jovens como principais atores de suas histórias e produtores das narrativas sociais que dão sentido ao contexto em que estão inseridos. Optamos por uma pesquisa participativa de cunho qualitativo, entendendo este posicionamento metodológico como fundamental na construção e busca de estratégias de superação das problemáticas sociais que podem vir a surgir em campo, a partir de uma tomada de consciência da realidade (OLIVEIRA & OLIVEIRA, 1985).

Foram realizados dois momentos, onde o primeiro se caracterizou no uso da metodologia netnográfica – etnografia virtual – possibilitando uma compreensão da dinâmica social no âmbito virtual. Tendo em vista a ascensão do movimento na mídia, optamos por trabalhar com essa veiculação compreendendo que a virtualidade atua tanto como instrumento para a construção cultural, como também elemento dotado de experiências e vivências capaz de transpor os discursos construídos na sociedade (CRUZ & MARTINS, 2017).

Já o segundo, se configura através de visitas aos espaços onde acontecem os encontros de passinho, visando uma maior aproximação com os jovens. Após os primeiros contatos, ao dispormos como um dos nossos objetivos fazer a análise de como os sujeitos, com suas subjetividades permeadas pelo pertencimento ao movimento cultural bregafunk, percebem a veiculação midiática deste movimento. Utilizamos dos recursos de entrevistas não-diretivas e conversa informal, tendo como materiais disparadores conteúdo da mídia hegemônica.

A partir disso, a nossa produção de conhecimento se dará vinculada ao que for surgir nos discursos dos jovens entrevistados, dentro de uma Análise do Discurso de filiação pecheutiana, trazendo à tona as concepções de sujeito, discurso, ideologia, silenciamento, memória, formação discursiva, resistência e deslizamentos (ORLANDI, 1999). É importante ressaltar que, a construção do trabalho em campo, foi respaldado mediante apresentação do TLC (termo de livre consentimento) respeitando assim, as diretrizes estabelecidas na Resolução 580/18 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que visa a integridade do sujeito participante da pesquisa, principalmente no que diz respeito ao sigilo e privacidade informacional, quando necessária.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Através da pesquisa realizada por meio da plataforma virtual “Google” com as palavras “passinho do Recife” e “passinho dos maloka”, foram selecionadas três reportagens com os seguintes títulos: “Passinho do Recife conquista o Brasil: Conheça Shevchenko e Elloco”, “O ‘passinho dos maloka’ de Recife: Um grito de identidade e visibilidade” e “Passinho: racismo policial reprime encontros e já fez a primeira vítima”. As reportagens foram acompanhadas com os seguintes questionamentos: “Como conheceu o passinho e o que ele significa para você?”, “Qual é a importância do passinho?” e “Como o passinho tem ocupado os espaços? Consegue enxergar limites nisso?”, respectivamente.

Os instrumentos supracitados foram utilizados como questões disparadoras para auxiliar o delineamento do conteúdo que poderia ser desencadeado a partir da entrevista, de forma a seguir de acordo com os nossos objetivos de compreensão. Vale ressaltar que no uso desse artifício houve a abertura para que os sujeitos de pesquisa respondessem às questões de acordo com as próprias experiências, nos trazendo um contato mais próximo com a realidade e os atravessamentos históricos vivenciados dentro do movimento pelos seus participantes nas periferias recifenses - incluindo artistas, dançarinos e consumidores -.

No que tange ao contato com o movimento, os participantes da pesquisa trouxeram em suas falas a dança como uma atividade que sempre esteve presente durante a infância e juventude, passando por ritmos como brega, swingueira, funk, e agora o bregafunk, que veio a se expandir como uma inovação do brega pernambucano em conjunto com o funk carioca. Diante da viralização do ritmo, ele foi sendo incorporado por muitos jovens dentro das favelas - onde surge a maioria dos artistas que criaram o bregafunk -, e assim, veio a se tornar algo que é demarcado nas falas como não só uma atividade de descontração, mas também uma oportunidade de expressão, na medida em que se torna um movimento cultural amplamente compartilhado para além do seu local de origem.

Em relação à importância que o movimento tem adquirido, os relatos refletem o passinho como uma abertura de possibilidades para a juventude periférica no meio artístico junto aos MCs, levando a dança proveniente do ritmo - o passinho-, para diversos espaços físicos e virtuais. Além disso, o passinho também surge como instrumento que potencializa a retirada de jovens de práticas ilícitas, sendo utilizado como uma ferramenta que incorpora esses indivíduos em atividades artísticas e grupos, o que pode promover locais de identificação e inclusão.

Quanto à forma que o bregafunk tem ocupado não só as periferias de Recife, mas também se expandido pelo Brasil, pela mídia e outros espaços que se sustentam de maneira elitizada, as falas trouxeram uma satisfação com o destaque que o movimento tem alcançado, no entanto, atentando para como ainda existem limites impostos por um preconceito envolta dos seus corpos e formas de expressão. Dentre essas limitações, a chegada da polícia militar em locais onde acontecem os encontros de passinho se faz algo recorrente e que se dá de maneira ostensiva e violenta, tratando os jovens presentes de maneira marginalizada.

Além disso, a crescente veiculação midiática e consumo do bregafunk por pessoas e espaços sociais que historicamente silenciaram a cultura produzida dentro das favelas e afastaram os corpos favelados de maneira simbólica e concreta, nos faz atentar para como o conteúdo tem sido incorporado. Nessa perspectiva, fica evidenciado que quando um produto das periferias gera lucro e entretenimento, ele pode chegar em espaços hegemônicos, entretanto, não há a abertura para que os seus produtores acessem livremente. Essa questão retrata um mecanismo colonial atualizado pela realidade capitalista que cria uma aceitação de caráter ilusório, ao mesmo tempo em que inviabiliza as vozes sobre a realidade periférica e a construção de uma demarcação identitária cultura para além das margens sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da aproximação com as experiências dos jovens entrevistados, obtivemos demarcações trazidas em suas falas que convergiam com as problemáticas já enunciadas no presente trabalho. Entretanto, ressaltamos que essas narrativas não esgotam os questionamentos envolta da cultura popular periférica e os limites que são impostos pela colonialidade à sua disseminação ainda na atualidade. Diante do que foi construído, se faz necessário enunciar a importância de abrir espaços para a voz popular dentro da academia e nos aproximar das narrativas vivenciais do povo que carrega os reflexos históricos de um longo processo de colonização do imaginário nacional.

É importante também reafirmar que essa discussão é de suma importância dentro da Psicologia, sendo necessário se pensar cada vez mais em uma descentralização do sujeito padronizado nos moldes do pensamento eurocêntrico, responsável pelos instrumentos que silenciam o povo negro. Pensamos em uma perspectiva decolonial para a Psicologia que possa através de discussões, estudos e teorias, abarcar um sujeito contextualizado, atravessado por processos históricos e demarcações sociais, possibilitando também se pensar em estratégias de resistências aos mecanismos de opressão sustentados pelo sistema capitalista e potencializar o reconhecimento identitário dos grupos atingidos. O passinho, como um movimento cultural de expressão, traz à tona o deslocamento de pensar a margem como local de resistência aos diversos tipos de repressão e silenciamento, transformando essas negações em novos discursos através da sua própria arte e identidade.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, GG. **O nascimento do brega funk é a história de sobrevivência dos MCs do Recife.** Vice. 26 de Abril de 2018. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/vbxkk3/historia-bregafunk-parte-1. Acesso em: 28 set. 2019.
- AMARAL, A.; RECUERO, R.; MONTARDO, S. P. **Blogs: mapeando um objeto.** In: VI Congresso Nacional de História da Mídia. 2008. Rio de Janeiro. Resumos [...]. Rio de Janeiro: pp.4.
- CRUZ, J. T.; MARTINS, P. Colorismo e embranquecimento na rede: o racismo e a tentativa histórica de apagar a ancestralidade africana. Paraná. 2017.
- FINCO, M. D. **As vantagens da apropriação da causa negra pela indústria cultural: Um estudo em torno do crescimento da abordagem do racismo na produção musical,** 2019. Trabalho de conclusão de curso parcial (Pós-graduação em Mídia, Informação e Cultura) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- FONTANELLA, F. I. **A Estética do Brega: Cultura de Consumo e o Corpo nas Periferias do Recife.** 2005. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.
- FREDERICO, C. Da periferia ao centro: cultura e política em tempos pós-modernos. Estudos Avançados, v. 27, n. 79, p. 239-255, 1 jan. 2013.
- KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.
- MARTÍN-BARÓ, I. *Psicología de la liberación.* Madrid: Trotta, 1998.
- OLIVEIRA, M. D. & OLIVEIRA, R. D. Pesquisa social e ação educativa: conhecendo a realidade para poder transformá-la. In: C. R. BRANDÃO (Org.). **Pesquisa participante.** São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 17-33.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos.* Campinas: Pontes, 1999.
- QUIJANO, Aníbal. "Colonialidad y Modernidad-racionalidad". In: BONILLO, Heraclio (comp.). *Los conquistados.* Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, 1992, pp. 437-449. Tradução de wanderson flor do nascimento.